



Chrys Chrystello*

Memórias de Páscoas Quinta da Bendada e Sendim da Ribeira (Parte 1)

Recordo com saudade, as férias na Quinta da Bendada, entre Alfândega e Sendim da Ribeira, ao lado da Quinta de Zacarias, freguesia, 8,63 km² e 92 hab. extinta em 2013, agregada a Agrobom e Vale Pereiro, zona de caça municipal, área florestal, silvopastoril e agricultura na encosta da Serra de Bornes, até à Ribeira das Cavas, Felgueiras, Agrobom, Castelo, Valpereiro e Saldonha. Em 2017 a Quinta de Zacarias, a 5 km de Alfândega aglomera quatro explorações agrofloreais: Quinta de Zacarias; Bendada; Arquinho (Cruzeiro) e Mário Almeida, ocupando 1.108 hectares, recortada por ribeiras, linhas de água e montes ondulados. A Associação de Promoção e Preservação da Caça e as Juntas, criaram condições para a manutenção do maior número de espécies. Ficava perto da Quinta de Saldonha, freguesia, 8,63 km² e 92 hab. extinta em 2013, agregada a Agrobom e Vale Pereiro.

Ali estive com a tia-avó Berta e a prima Stela, do Azinhoso. Não havia luz elétrica (mas, ironicamente, plantaram um poste de alta tensão a cem metros da casa, com o zumbido permanente assustando as gentes simples do campo, temerosas da inovação que não compreendiam e não servia de nada). A água corrente vinha de um poço artesiano nas redondezas. Era uma casa grande, de dois pisos, num terreno em retângulo com enorme terreiro onde havia mais três edifícios (a zona central daria para um picadeiro, se alguém se tivesse lembrado de o construir). A ladeá-la, a casa dos caseiros, em frente à casa de aprestos agrícolas, armazém, celeiro, e um edifício com dois lagares ao lado da casa. A estrada de acesso, um estreito caminho de cabras em macadame, atravessava ribeiras, e passava por debaixo das janelas da casa. No lagar de azeite via-se o trabalho de preparação do líquido viscoso e esverdeado de apaladar a comida. Também vi fazerem vinho no outro lagar, e as uvas eram pisadas com os pés à boa maneira tradicional. Não esqueço o cheiro a mosto,

Ocasionalmente, nas alturas o rasto solitário dum avião europeu a caminho de algures, possivelmente longínquo. Punha-me a imaginar os destinos prováveis,

consoante a direção que o rasto de vapor na atmosfera deixava, imaginando África, América ou a mera Lisboa que não conhecia embora já tivesse ido a Madrid. Evoco os céus, então sempre azuis sem contrails ou chemtrails, quase sempre sem nuvens, e as noites estreladas, num silêncio entrecortado pelo vento, cantigas de aves. Vivíamos com os sons simples dos animais e pássaros chilreantes, não havia rádio nem televisão, que embora já inventada e divulgada nas cidades ainda lá não chegara. Para quê, se eletricidade não havia, a não ser na casa do Azinhoso onde havia um gerador a gasóleo, que muitas vezes tive o prazer de ligar? Comia-se à luz de velas, lamparinas ou Petromax. Levantar bem cedo como sói acontecer nas aldeias, mal o sol desponta. Depois dum lauto pequeno-almoço de pão centeio, torrado nas brasas, dava uns passeios, mas era sobretudo depois da habitual sesta, pela fresquinha, que se aprestava uma mula ou macho e ala cascos que estes montes eram indubitavelmente meus durante as horas seguintes, quase sempre sem se ver viva-lma.

Havia em contrapartida livros para ler devagarosamente, como diria Mia Couto, e o tempo tinha duração mais compassada e menos rítmica. Era a alternativa a cavalgar, depois cavalgar e mais cavalgar, percorrer distâncias num raio de 10 km, bem difíceis, que ali só havia montes, vales e ribeiras. Se não fossem as oliveiras, cerejeiras, sobreiros e árvores de fruto, lembrariam rotas misteriosas na selva de África, sobre as quais já lera livros infantis ou de aventuras, porque não havia trilhos nem estradas, além dum caminho, bem pisado, estreito e poeirento que nos unia à aldeia. Um dia caí da cavalgadura no empedrado à saída do Sendim da Ribeira e não me magoei muito, mas (meses) mais tarde descobri uma grave lesão na coluna.

(Continua)

*Jornalista, Membro Honorário Vitalício nº 297713

Pub.

**O Conselho de Administração e Restantes Corpos Sociais
da Associação Agrícola de São Miguel
e da Cooperativa União Agrícola, C.R.L. desejam
aos seus Associados, Agricultores e Açorianos em geral
uma SANTA PÁSCOA**

